

O lendário na vida de Fernão Dias

C. S. F.

O ciclo heroico das Bandeiras compreende "estórias" e tradições sobre os mais conhecidos desbravadores de nossos sertões. Dois nomes são figuras centrais: Fernão Dias e Bartolomeu Bueno. Além do papel histórico, documentado amplamente, eles tiveram o que Joaquim Ribeiro chama de "papel folclórico."

Os caminhos seguidos por historiadores e folcloristas divergem muito: enquanto aqueles interpretam e analisam documentos e fatos, buscando a verdade estes procuram recolher o maior número possível de versões, principalmente as mais populares. E, as vezes, história e estória confundem-se, andando de mãos dadas.

O perfil psicológico da figura mais varonil dentre nossos bandeirantes tanto pode ser traçado por historiadores como por folcloristas. Conta Machado de Oliveira, que entre as velhas tradições em voga em São Paulo, era muito conhecida a do presente feito por Fernão Dias e seus parentes ao rei de Portugal: uma peça de ouro maciço, representando um cacho de bananas. O monarca, maravilhado, no alvoreço do contentamento, ordenou a um de seus cortesãos que declarasse ao ofertante que seria satisfeito em tudo o que pedisse. O recado foi dado, e o altivo paulista respondeu: — "Pois se eu venho dar, como é que hei de pedir?"

E' bem provável que o fato, que o historiador Lindolfo Gomes não acredita autêntico, seja uma adaptação da conhecida anedota a respeito do Duque de Bragança perante Felipe II. Por outro lado, possui alguns elementos históricos de inegável autenticidade. Fernão Dias, na verdade, recebeu de D. Afonso VI carta onde lhe eram prometidas "mercês e honrarias", caso descobrisse as desejadas minas. Como emissário real, encarregado de transmitir ordens, e para quem "pedia que lhe fizessem tôda a assistência", foi incumbido um certo Agostinho Barbalho Bezerra. E' possível que entre este e o altivo paulista tivesse surgido algum desentendimento. Aliás, era proverbial a altivez paulista, fixada no folclore, na pega infantil: "Paulista abaixa a crista"!

Na **Nobiliarquia Paulista**, Pedro Taques faz menção à estória de Fernão Dias e de três reis, referente à expedição realizada em 1661, à Serra Apucarana, no Paraná. O bandeirante em suas andanças pelo sertão, chegou ao reino dos índios na nação Guaynãa, por volta de 1601. Era um reino dividido em três partes e governado por três reis muito amigos entre si, e muito ricos e poderosos. Os vassallos ajoelhavam-se diante deles, mesmo quando os soberanos, a passeio, eram carregados em uma espécie de andor.

Fernão Dias cercou-lhes o reino, mas não tencionava destruí-lo: preferia antes travar amizade, e convertê-los. Foi o que fez. Induziu-os a que o acompanhassem a S. Paulo, o que foi feito com grande acompanhamento de índios. Então ali, a mando de Fernão, Dias, eles se estabeleceram nas margens do Tietê, abaixo do Vale de Santana do Paraíba. Anos mais tarde, estando para morrer, o último rei teve uma visão, na qual São Francisco lhe apareceu e o confortou.

O Descobridor das Esmeraldas morreu de febres no sertão. Além do relato de Pedro Taques há um atestado da Câmara de Parnaíba. Lê-se neste documento que o bandeirante faleceu de "peste", com muitos escravos índios. Ainda depois de morto o perseguiram calamidades. Seu cadáver e as amostras de esmeraldas naufragaram no Rio das Velhas, sendo dias depois achadas por seu filho Garcia Pais. Enfim, em pompa funebre, foi seu cadáver embalsamado e conduzido a Itu, nos ombros de parentes. Ali descansou em seu jazigo no Mosteiro de São Bento, na Capela que ele próprio mandara edificar.